

MEDICINA NA BEIRA INTERIOR DA PRÉ-HISTÓRIA AO SÉCULO XXI

NOV.2013



FICHA TÉCNICA

Título:
CADERNOS DE CULTURA
MEDICINA NA BEIRA INTERIOR
DA PRÉ-HISTÓRIA AO SÉCULO XXI

Edição
Nº XXVII de Novembro 2013

PUBLICAÇÃO NÃO PERIÓDICA

Diretor:
António Lourenço Marques

Coordenadora:
Maria Adelaide Neto Salvado

Secretariado:
Quinta Dr. Beirão, 27 - 2.º E
6000-140 Castelo Branco - Portugal
Telef.: 272 342 042

Design da capa:
Hugo Landeiro Domingues sobre lustração:
Curationum Medicinalium: Centuria Septem -
Venezia: Francesco Storti, 1653-1654

Composição, paginação, impressão
e acabamento:
GRAFISETE - Artes Gráficas, Lda.
Rua Jornal do Fundão, 4-B, 6230-406 Fundão

ISSN: 206/2013

Depósito legal N.º: 366600/13

Os textos assinados são, na forma e no conteúdo, da inteira
responsabilidade dos respetivos autores e não devem
ultrapassar 2.500 palavras, incluindo a biografia e os anexos.
Este número inclui as atas das XXIV Jornadas de Estudo
"Medicina na Beira Interior - da pré - história ao séc. XXI",
sendo distribuído no âmbito das mesmas Jornadas.

Patrocínio:



Câmara Municipal de Castelo Branco

SUMÁRIO

- 7 Ainda a questão do desaparecimento do túmulo de Amato Lusitano
J. A. David de Morais
- 13 Doutor Amado (1511-1568), sete apontamentos
Alfredo Rasteiro
- 23 O caminho de Hades — o verbo, a palavra, a voz de Amato
Maria José Leal
- 27 Amato Lusitano, leitor da Odisseia
António Maria Martins de Melo
- 31 O mercador de Salónica, o seu gato e os seus criados: contribuição para o estudo
das zoonoses nas "Centurias" de Amato Lusitano
J. A. David de Morais
- 35 A pedra bezoar e o unicórnio nos comentários de Amato Lusitano a Dioscórides:
propriedades, valor, tradição e tradução
José Sílvio Moreira Fernandes e António Manuel Lopes Andrade
- 41 Amato Lusitano - os bezoares e a tradição das pedras curativas
Maria do Sameiro Barroso
- 47 Anotações metalinguísticas nas obras de Amato e de Laguna:
a metáfora terminológica
Ana Margarida Borges
- 51 Da romã à nêspera: propriedades e fins terapêuticos de alguns frutos comuns
em Portugal nas Enarrationes de Amato Lusitano
Emília Oliveira
- 57 Gracia Nasi (1510-1569) - a senhora judia única no seu tempo
João Maria Nabais
- 63 História da história de Amato Lusitano
João Rui Pita e Ana Leonor Pereira
- 73 Crise económica e saúde pública em Castelo Branco do séc. XIX - nota de investigação
Maria Adelaide Neto S. Salvado
- 79 Breve história da assistência em Vila Velha de Ródão
Maria de Lurdes Cardoso
- 81 A paixão do Dr. Vasconcelos Sobral
Antonieta Garcia
- 87 Evocação/memória de alguns médicos notáveis da Beira Interior -
Concelho do Fundão (X): Dr. João José de Amaral
Joaquim Candeias Silva
- 97 Assistencialismo e Misericórdias no Distrito de Castelo Branco:
um balanço historiográfico
Inês Nogueira de Melo
- 101 Nomes para um território: Fernando Namora e a Beira Baixa
Rui Jacinto
- 102 Apresentação da Antologia Amado Amato
Maria de Lurdes Gouveia da Costa Barata e Pedro Miguel Salvado
- 105 Amato Lusitano na medalhística portuguesa - duas novas obras
Pedro Miguel Salvado e Hugo Landeiro Domingues

AMATO LUSITANO, LEITOR DA ODISSEIA

*António Maria Martins de Melo**

Na prova escrita de Português, do 12.º Ano de Escolaridade, deste ano de 2012, os alunos foram chamados a ler um excerto da obra *Retalhos da vida de um médico*, do escritor Fernando de Namora (1919-1989), que nos dá conta da história de uma pneumonia *sui generis*. Com efeito, o doente que ia ser internado recusava-se ao costumeiro banho prévio, uma medida preventiva contra a invasão de parasitas indesejados na unidade de saúde. À interpelação do médico, se tomava banho em casa, ele havia de responder que

«Tomei, sim senhor, antes das sortes e do casamento. A gente não vai chapinhar na água toda a vez que se lembre. Está um homem sujeito a apanhar um catarral ou um resfriamento». Por fim, embora contrariado, acabou por ceder ao regulamento e lá tomou o seu banho. De má lembrança, contudo, pois uns dias mais tarde, quando o médico estava de serviço e interrogava o enfermeiro acerca da identidade de um doente, este havia de lhe atirar ao rosto palavras amargas: «- Sou eu, Sr. Doutor! Tenho um catarral e é por sua culpa. Eu bem lhe disse que não se brinca com a água»¹.

Fosse ele vivo e talvez fizesse sua esta sagaz reflexão de Miguel Torga (1907 – 1995) no seu Diário XVI:

«Coimbra, 8 de Fevereiro de 1991 – Cento e oito mil alunos fizeram hoje a prova de acesso à Universidade, debruçados sobre uma página deste *Diário*. Deus os tenha ajudado. Quando escrevi o texto em causa, estava longe de imaginar que ele viria a ser motivo de mortificação académica. Em Portugal, a apetência literária morre na escola. Poucos mestres se empenham em ensinar os discípulos a gostar dum autor. Que o diga Camões. Oxalá que, entre tantos jovens que me leram neste dia compulsivamente, alguns deles passem a ler-me voluntariamente, não por conta de qualquer júri ou computador, mas por real prazer, e descubram que um escritor não é dentro da pátria um inimigo público embuçado, mas uma prestável voz fraterna»².

Deliberadamente se abriu esta comunicação com a menção a dois dos mais celebrados autores da literatura portuguesa, da segunda metade do século XX; ambos eles concluíram os seus cursos universitários na área da medicina e daí decorreu o seu exercício profissional. Predominante, pois um espaço significativo seria reservado, ao longo da sua vida, para a literatura, ou mais prosaicamente, para a escrita. Como que dando largas à percepção tradicional da dicotomia corpo e alma. Mais do que um conflito, trata-se da singular simbiose de uma harmonia desejável no Homem de todos os tempos: sim à ciência, mas também ao desenvolvimento da sensibilidade, tendo em vista uma interpretação mais próxima do sofrimento humano, da angústia existencial da finitude da vida. E a coragem do acto da escrita, só por si, é revelador desta capacidade alargada para a compreensão da fragilidade da existência humana, na sua realização singular, particular, em cada ser humano.

Para a captação desta *humanitas* – e vem a propósito mencionar a célebre frase terenciana *homo sum humani nihil a me alienum puto*, isto é, «Um homem eu sou: e nada do que é humano eu considero alheio à minha natureza»³ – muito concorre a leitura dos textos da Literatura que apresentam a Outra perspectiva, mediada pela visão do artífice da palavra, mediada por aquele que tem um acesso privilegiado à sempre misteriosa alma humana: «É que a poesia expressa o que é universal», já dizia Aristóteles, na sua *Poética* (1451 b)⁴.

É este o caminho não só para a excelência no exercício da medicina, mas também em todos os outros campos profissionais da actividade humana. Uma excelência que se inspira inequivocamente num nobilíssimo ideal antropológico, estético, cultural e pedagógico, que coloca em lugar destacado a importância da Literatura, de modo particular a Clássica, isto é, a dos autores gregos e latinos. E continua o ilustre académico das Universidades de Coimbra e do Minho, Aguiar e Silva, no clarividente artigo intitulado «Reflexões tempestivas sobre a crise das Humanidades», recordando o afamado discurso de Hegel, de 29 de Setembro de 1809, proferido enquanto reitor do *Gymnasium* de

Nürnberg Nuremberga, a propósito das *litterae humaniores*, isto é, dos estudos clássicos. Dizia ele que, se a excelência deve ser o fundamento e o ponto de partida, «então a fundamentação do estudo mais elevado deve ser e permanecer a literatura grega, em primeiro lugar, a latina, depois. A perfeição e a glória destas obra-primas devem ser o banho espiritual, o baptismo secular que primeiro e indelevelmente afina e impregna a alma, no respeito do gosto e do conhecimento»⁵.

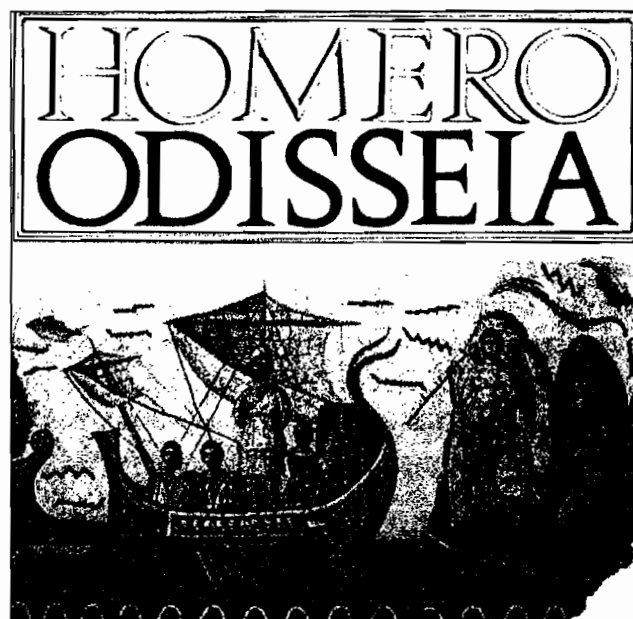
Nesta linha de pensamento se posiciona o humanista aqui celebrado, João Rodrigues de Castelo Branco, mais conhecido por Amato Lusitano. Em primeiro lugar, escreveu sabiamente as suas reflexões na grande língua de comunicação da sua época, o Latim, fazendo jus ao seu epíteto de humanista. Mas, por outro lado, por essa via mais rapidamente granjeou celebridade e respeito entre os seus pares além-fronteiras, tendo mesmo concitado a inveja de outros, como a de Pietro Andrea Mattioli, que não gostou das referências pouco abonatórias acerca da sua pessoa nos comentários sobre Dioscórides que ele havia redigido. Por isso, o médico humanista italiano, natural de Siena, respondeu-lhe violentamente com a sua *Apologia adversus Amatam Lusitanum*, de 1558. Este facto apressou a fuga do médico albacastrense para a sua derradeira morada de exilado no Império Otomano, em Salónica, na Grécia, onde viria a falecer em Janeiro de 1568.

No *Index* e nos seus comentários a Dioscórides, amiúde menciona autores antigos, como os gregos Tefrasto (327-287 a. C.) e Serapião de Alexandria (220 a. C.) o latino Plínio-o-Antigo (23-79), o médico Galeno (c. 130-200), Écio de Amida (502-575) e o árabe Avicena (980-1037). Isto sem descurar as autoridades contemporâneas, como Hermolau Barbaro (c. 1434-1493), Giovanni Manardi (1462-1536), Vesálio (1514-1564), além do já referido humanista de Siena, entre outros. O que supõe o domínio do grego e do árabe, para além do latim, e desde logo augurava boas perspectivas para a sua investigação filológica. Com efeito, para cada planta, junta ele a sua designação em grego e latim, que faz acompanhar da versão em vernáculo, como em espanhol, em francês, em alemão, em italiano, em português e, mais raramente, em pérsico. Se a estas línguas se acrescentar o hebraico, bem pode concluir-se que o antigo estudante da Universidade de Salamanca era um verdadeiro poliglota. Na época, esta condição era muito favorecida pelo facto de um estudante de medicina ser obrigado, geralmente, à prévia obtenção do grau de bacharel em Artes e Filosofia.

E foram as suas preocupações filológicas que o conduziram até à *Odisseia* de Homero. Um dos livros que, a par da Bíblia, é dos mais lidos ao longo da história do

ocidente e que, por isso mesmo, mais influência terá exercido no seu imaginário. Já Platão, no seu tempo, uns quatro séculos após o aparecimento dos Poemas Homéricos, proclamava, na *República* (606e), que Homero fora o educador da Grécia. Para tal concepção muito terá contribuído a acção de Hiparco, filho de Pisístrato que, no século VI a. C., instituiu o hábito da recitação integral dos dois poemas durante o festival ateniense das Panateneias como refere, entre outros, Frederico Lourenço no seu ensaio «Dois poemas de autor anónimo: a *Ilíada* e a *Odisseia*»⁶.

Em Roma, até ao tempo de Horácio, como já referiu a Professora Maria Helena da Rocha Pereira, no seu celebrado manual universitário, *Estudos de História da Cultura Clássica, Volume I, Cultura Grega*, as crianças romanas aprendiam a ler pela *Odisseia*, numa tradução elaborada pelo escravo Lívio Andronico, no início da segunda metade do século III a. C. E assim se abria um caminho auspicioso para a Literatura Latina.



Mas terá Amato lido a *Odisseia*? E a *Ilíada*? A nossa resposta é afirmativa, desde logo porque é inquestionável que os dois poemas épicos tenham feito parte do cânone escolar humanista da época. Acresce, depois, que, como tudo indica, o humanista português cursou Artes no Estudo de Salamanca, antes de se inscrever no curso de medicina, tendo alcançado o grau de bacharel a 19 de Março de 1532, como dirimiu definitivamente esta questão a antiga directora do Arquivo da Universidade de Salamanca, Teresa Santander. Por isso, é natural que tenha lido estes textos na língua original, o grego⁷.

Vem confirmar indirectamente esta afirmação um excerto da obra pioneira que D. Manuel Gonçalves Cerejeira dedicou ao mestre Clenardo, humanista flamengo. Situa-se essa passagem no volume

primeiro, páginas 113 a 114, sendo citada a partir de um texto proferido por José Vitorino de Pina Martins, em 1989, em Lisboa, na Universidade Católica Portuguesa, por ocasião da reedição dos dois volumes em 1974 e 1975:

«Quando Clenardo entrou em Coimbra, era já tempo de férias. Por felicidade ainda pôde ouvir o mestre Vicente Fabrício na aula de grego. Ficou assombrado com o *novo milagre* a que assistiu: 'Fabrício comentava Homero sem o traduzir de grego para latim, como se estivesse na própria Atenas. Nunca até então, confessava, vira coisa assim em parte alguma'. E os discípulos imitavam o professor, não se servindo senão da língua grega quase em tudo. Se lhe era lícito meter-se a profeta, muito Coimbra havia de florescer no estudo das línguas». E pouco depois: «Com tais princípios, ainda um dia Coimbra havia de sobrepujar a própria Salamanca», comentava o humanista⁸.

No *Index*⁹, entrada XXVII, Amato vai falar do helénio, «a nossa émula da Campânia». Trata-se de uma planta muito familiar nas hortas, que se chama ínula, devido ao seu caule pequeno. A sua raiz grande, amarga, mas de muito bom aroma, preparada com açúcar ou mel, é muito eficaz contra as maleitas dos tempos dele; daqui a fama de que a émula-campana tornasse as entranhas saudáveis. E termina com uma nota acerca da origem do seu nome: ou porque nasceu das lágrimas de Helena, ou porque foi descoberta pelo troiano Heleno.

Nos *Comentários*¹⁰, a que corresponde o mesmo número de entrada do *Index*, como geralmente acontece, ele retoma o assunto da émula. Mas logo há uma diferença, quando se refere à identificação: fala ele da émula da Campânia («enula campana»), a que acrescenta a outra émula, que ele identifica com a émula egípcia, o helénio egípcio, a *nepente*.

No comentário, Amato Lusitano dirá que Plínio fala dela no livro 21, capítulo 10. E diz que a descrição do autor latino é diferente da de Dioscórides. De facto, enquanto este refere uma émula egípcia com folhas de lentilha e ramos pequenos de serpão espalhados pelo chão, aquele (Plínio-o-Antigo) diz que ela não possui folhas de lentilha, mas antes do serpão.

E, mais à frente, continua:

«Verum enulae radix adeo laetificat, ut in omnium apothecariorum ore sit, enula Campana reddit praecordia sana: immo hac de causa, a multis creditum est, hanc nepenthem herbam illam ab Homero

tanta laude decantatam esse, quia perpetuam pariat laetitiam, et tristiam omnem aboleat, omnes abigendo curas, et malorum omnium oblivionem inducendo, praecipue si eius succus vino immistus bibatur».

«A raiz da émula alegre de tal forma que aparece na boca de todos os boticários, a émula da Campânia restabelece a saúde das entranhas. Por essa razão, muitos acreditaram que esta nepente é aquela planta cantada por Homero com tamanha celebridade, pois ela produz uma alegria perpétua e faz desaparecer toda a tristeza, ao afastar todos os cuidados e ao induzir o esquecimento de todos os males, principalmente se se beber o suco dela misturado com vinho».

E Amato Lusitano acrescenta logo de seguida:

«Quae omnia vera esse crediderim, modo de Aegyptio helenio campano dicantur, cum in nostra enula haec prorsus non reperiantur; nec Itali illius radices quotidie coctas, et saccharo vel melle et aromatibus paratas licet esitent, talia experiuntur».

«Eu ter-me-ia atrevido a acreditar que todas estas coisas que se dizem acerca do helénio egípcio são verdadeiras, embora não se descubram na nossa émula estas características, nem os Italianos experimentam todos os dias as raízes cozidas daquela, preparadas com açúcar ou mel e com plantas aromáticas, ainda que comam tais substâncias».

E conclui o médico albicastrense:

«De illa igitur enula Aegyptia vera nepenthe sic cecinit Homerus libro 4 Odysseae:

Tum love nata Helena hic meditata est pharmaca potu
Ac subito iniecit medicamina rara Lyaeo
Vnde bibunt proceres nepenthes inclyta succo
Gramina, quae irarum, sive omnis cladis et omnis
Vsque mali herbarum ducunt oblivia potu.
Haec si mixta scyphis aliquis praesumpserit, ille
Luce illa nunquam lacrimas effundet obortas,
Non si vel genitor materque Acherontis arenas
Rapta petat Stygias, non si natumque fratremque
Coram disiecto ferro, atque in sanguine mixto
Hoste oculis videat claris.

Ceterum helenium ab Heleno Troiano inventum sibi nomen vindicasse, non vero ab Helena ut poetarum narrant fabulae, crediderim».

«Portanto, acerca daquela émula verdadeira do Egipto, a nepente, Homero, no Livro quarto da Odisseia, (IV.219-226) escreveu do modo seguinte:

Então Helena, filha de Júpiter, preparou aqui uma poção para ser bebida e subitamente lançou o medicamento raro no vinho donde os próceres bebem, a nepente e as gramas célebres pelo suco, as quais prolongam os esquecimentos das iras, ou de toda a desgraça e até de todo o mal pela bebida das ervas. Se alguém ingerir estas poções misturadas em taças, esse jamais há-de derramar as lágrimas, nascidas nesse dia, mesmo que o pai e a mãe, arrebatados, se dirijam para as areias infernais de Aqueronte e mesmo que veja com olhos límpidos o seu filho e o seu irmão destroçados diante de si pelo ferro, e mergulhados no sangue inimigo.

Em suma – diz Amato – eu atrever-me-ia a acreditar que o nome helénio foi encontrado pelo troiano Hele- no e que, de facto, não derivou de Helena, como nar- ram as fábulas dos poetas».

Notas ao texto:

- 1 - Fernando Namora, *Retalhos da Vida de um Médico*, Lisboa, Bertrand, 1975.
- 2 - Miguel Torga, *Diário XVI*, Coimbra, Edição do Autor, pp. 61-62.
- 3 - Terêncio, «O homem que se puniu a si mesmo», tradução de Walter de Medeiros, in Terêncio, *Comédias*. Vol. I, introdução geral de Walter de Medeiros; introdução, tradução do latim e notas de Walter de Medeiros e Aires Pereira do Couto. Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2008, p. 219.
- 4 - Aristóteles, *Poética*. Prefácio de Maria Helena da Rocha Pereira, tradução e notas de Ana Maria Valente, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2004, p. 54.
- 5 - Vítor Manuel de Aguiar e Silva, «Reflexões tempestivas sobre a crise das Humanidades», in *As letras / Humanidades: presente e futuro*. Comemoração dos 25 anos do Instituto de Letras e Ciências Humanas (1976-2001), coord. de Manuel Gama e Virgínia Soares Pereira. Braga, Universidade do Minho / Instituto de Letras e Ciências Humanas, Centro de Estudos Humanísticos, 2004, p. 14.
- 6 - Frederico Lourenço, «Dois poemas de autor anónimo: a *Ilíada* e a *Odisseia*», in Virgínia Soares Pereira e Ana Lúcia Curado, *A Antiguidade Clássica e nós: herança e identidade cultural*, Braga, Universidade do Minho / Centro de Estudos Humanísticos, 2006, p. 35.
- 7 - Cf. António Manuel Lopes Andrade, «A Senhora e os destinos da Nação Portuguesa: o caminho de Amato Lusitano e de Duarte Gomes», in *Cadernos de Estudos Sefarditas*, n.º 10-11, 2011, pp. 92-93.
- 8 - José Vitorino de Pina Martins, «Manuel Gonçalves Cerejeira e os Estudos Humanísticos em Portugal», *Lusitania Sacra*, 2.ª série, 2 (1990) p. 56.
- 9 - Amato Lusitano (1536), INDEX DIOSCORIDIS. | En candide Lector. [HISTORIALES DI- | oscoridis campi, Exegemataque sim- | plicium, atque eorundem Collationes | cum his quae in officinis habentur, ne | dum medicis et Myropolio= | rum Seplasiariis, sed Bona= | rum li- | terarum studio | sissimis perquam | necessarium | opus. | IOANNE RODERICO CASTE | li albi Lusitano autore. | EXCVDEBAT ANTVERPIAE VI- | dua Martini Caesaris. M.D.XXXVI.
- 10 - Amato Lusitano (1553), AMATO LUSITANO, IN DIOSCORIDIS | ANAZARBEI DE MEDICA | MATERIA LIBROS QVINOVE | ENARRATIONES ERVDITISSIMAE | DOCTORIS AMATI LVSITANI MEDICI | AC PHILOSOPHI CELEBERRIMI, | quibus non solum Officinarum Seplasia- | riis, sed bonarum etiam literarum stu- | diosis utilitas adfertur, quum pas- | sim simplicia Graece, Latine, | Italice, Hispanice, Germa- | nice, & Gallice pro- | ponantur. | Cum Priuilegio Illustriss. Senatus Veneti ad decennium. | VENETIIS. MD LIII. | Venetijs apud Gualterum Scotum | M.D.LIII.]

Universidade Católica Portuguesa – Braga
antmelo@braga.ucp.pt

